

# Stadium

N.º 353  
7 - Setembro - 1949  
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



O jogo Benfica-Estoril caracterizou-se pela novidade da apresentação de dois novos jogadores benfiquistas — Pascoal e Teixeira. O instanteo fixa uma das jogadas enérgicas ao jovem Teixeira — vindo da equipa de juniores do Benfica.

ACABOU O DEFESO...

# Benfica e Barreirense

## trocaram os primeiros pontapés da época de 1949-1950



Uma fase do encontro. Rogério passa a defesa e vai marcar um dos golos

**C**OMEÇOU a época de 1949/50. Os primeiros pontapés oficiais, pontapés a sério, deram-se na festa de homenagem a Francisco Baptista, antigo jogador do Barreirense, da Cuf e do Benfica. Ultimamente estava no Vianense. Vai agora para Lourenço Marques, — e é provável que ainda aí jogue... Treinador deverá ser, com certeza. Cremos que do Desportivo.

Benfica e Barreirense defrontaram-se no primeiro encontro da nova época, que se apresenta com novos aspectos, em novos moldes que muita discussão têm acarretado... E ainda há-de correr muita tinta!

Os «encarnados» apresentaram alguns novos: Pascoal, do Portimonense, e os juniores Teixeira e Gil. Boa política a do Benfica, chamando novos feitos no próprio clube. Há-de ser esse, acredite-se, o caminho que todos têm de seguir. Mais tarde ou mais cedo. Qualquer dos três novos não desagradou. São rapazes a acompanhar cuidadosamente.

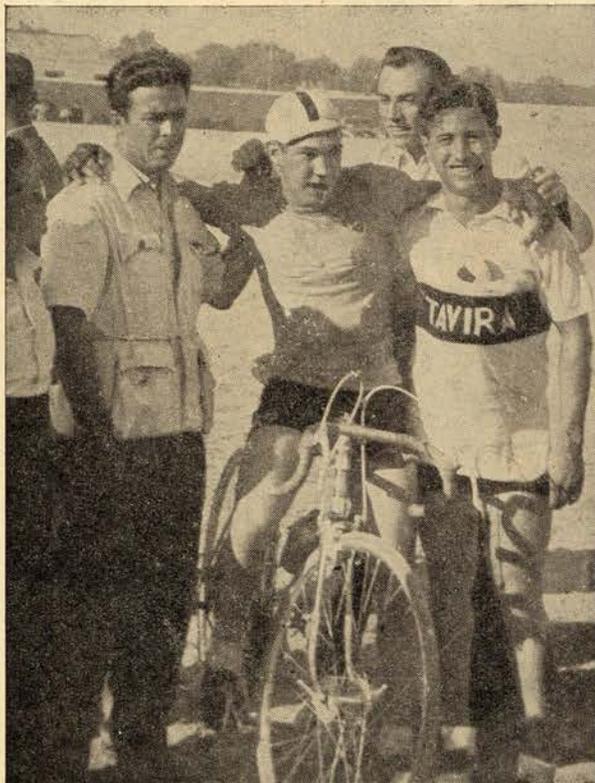
O Barreirense apresentou mais



Francisco Baptista

Estamos na presença de um valor positivo do ciclismo nacional, que, tudo o indica, envergará a camisola do Benfica apesar das propostas que lhe são enviadas de outros lados... Apontamos, pela nossa parte, esta vitória de Eduardo Nicolau com verdadeira satisfação, porque estamos a vêr, por um fenómeno de imaginação, a cara de seu pai, José Maria, alegre, radiante, bebendo os ares pelo filho e acreditando na sua capacidade. Eduardo Nicolau ainda há-de ser melhor ciclista do que o pai — eis uma confidência e profecia de José Maria Nicolau.

AO LADO — Eduardo Nicolau, filho de José Maria Nicolau, nome famoso no ciclismo nacional nos seus tempos de corredor, confirmou o valor que tem afirmado desde a última época, alcançando com brilhantismo a «camisola amarela» e a vitória, o seu primeiro e grande triunfo, na recente «Volla ao Algarve»



ou menos a gente do costume. Um dos jogadores é um irmão do internacional Armando Ferreira. De boa raiz — portanto!

Os da camisola rubra triunfaram. 3-0 foi o resultado de uma partida animada, de lances por vezes bem gisados, ainda que de execução menos perfeita. Mais bem preparados, a reflectir, ao fim e ao cabo, mais recursos, os benfiquistas venceram bem. Rogério, um antigo, e o jovem Teixeira marcaram os três golos. Para o ex-junior foi o facto, claro, estreia prometedora.

Para abertura da época o desafio não deixou de ter algum interesse. Mas o público afluuiu em número escasso. Foi pena — por todos os motivos.

Mas era dia de trabalho e por outro lado, abusou-se muito das festas... de homenagem. O público tornou-se desconfiado. E não vai.

Alguns jogadores mostraram-se em forma regular — atendendo em especial, a que salam do defeso.

O Benfica tem, em conjunto, a mesma estrutura da época transacta. Com alguns novos a entremear com os antigos, parecemos que a equipa do Campo Grande não dará má conta de si.

O torneio da A. F. L. será um indicativo.

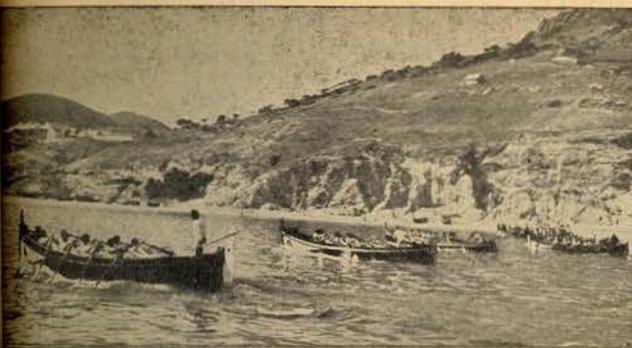
**A MODERNA**

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

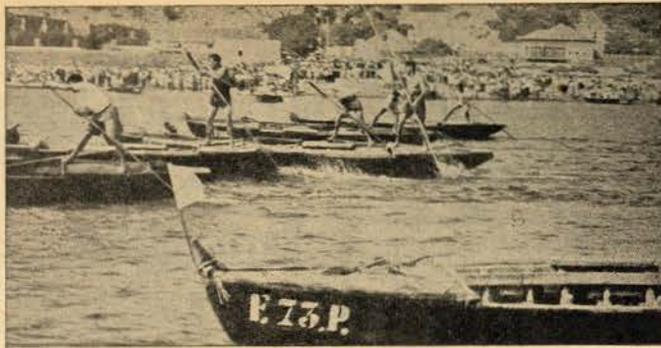
Rua Eduardo Coelho, 22-C

Telef. 30078

LISBOA



SESIMBRA — A prova de barcas de armações (9 homens) a remos, foi verdadeiramente emocionante



FOZ DO ARELHO — O despique dos homens na prova de bateiras à vara

## REGATAS ENTRE EMBARCAÇÕES TÍPICAS

**N**O calendário desportivo da F. N. A. T. surgiu esta época uma nova modalidade de competições náuticas que, embora já realizadas aqui e ali, se tinham quasi completamente abandonado ou só se realizavam por fugaz iniciativa local.

As provas que se disputaram já durante este verão, no rio Douro, em Albufeira, na baía de Sesimbra e agora na Lagoa de Obidos, junto à Foz do Arelho, mostraram a oportunidade e o interesse de aproveitar as características, ora heroicas ora desportivas, sempre emotivas da vida do mar, para criação de festas desportivas cheias de beleza e grandiosidade.

Seguiu-se o método de realização de concursos regionais, com a disputa de provas entre as embarcações de cada tipo. Respeitaram-se todas as suas características, ainda as variações de calado e fazem-se também regatas para os marítimos mais novos e outras para os mais idosos lobos do mar.

No recolher da polta ou do ferro, no desferrar das velas, no calejado ritmo dos remos tal como na dextra e experiente utilização dos ventos e da bolina, encontram-se outros tantos motivos para enriquecimento destes concursos, cheios de beleza e de viril elegância, mas também de prática e de intimidade com a árdua vida do mar.

Todas estas pravas têm sido verdadeiras festas de trabalhadores e, ao mesmo tempo, espectáculos admi-

ráveis, onde é mais tenaz, mais dura mas mais leal a competição em que empregam o mesmo esforço que no dia a dia garante o sustento.

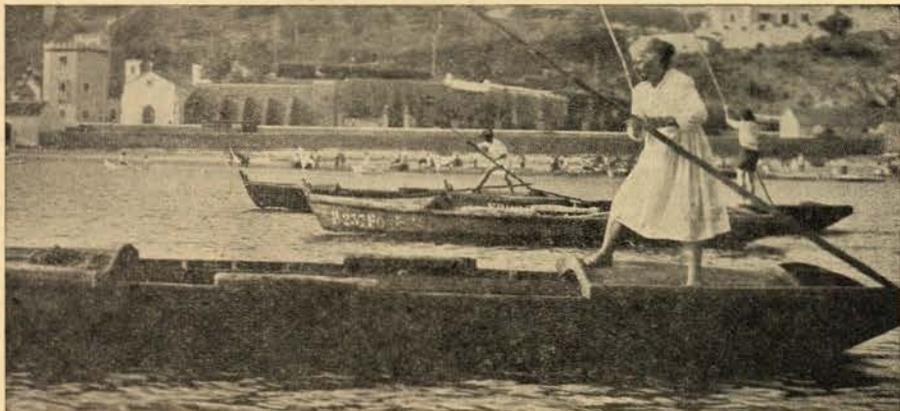
No rio Douro, concorreram homens e mulheres em canoas, saveiros, bateiras, rabelos; em Albufeira, canoas e saveiros; em Sesimbra, barcas de armações, botes de sacada,

aiolas e chatas e zingá; na Foz do Arelho, bateiras a remos e à vara.

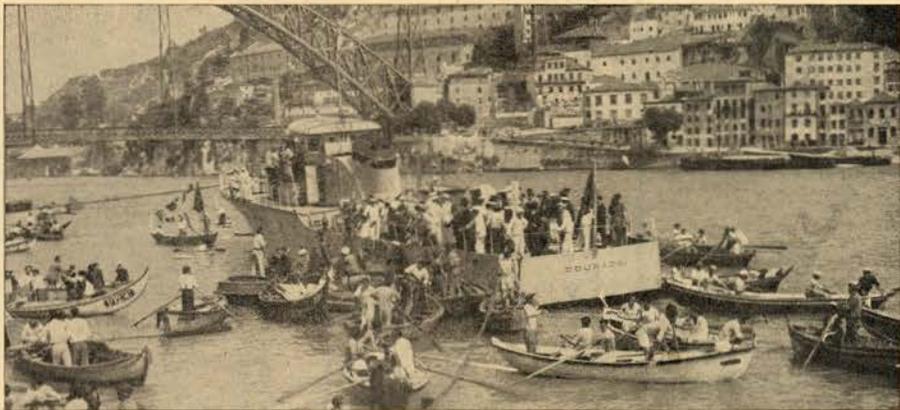
No dia 11 deste mês, haverá em Aveiro, no Canal da Mira, deante da praia da Costa Nova, regatas entre moliceiros.

É já apreciável o número de pescadores, marítimos e barqueiros ribeirinhos que, concorrendo a estas

regatas, dedicam ao esforço da labuta diária também um interesse lúdico. Assim, e por se tratar de um modo curioso de reviver o ancestral amor às coisas do mar, estes concursos cumprem uma simpática missão de «alegria no trabalho» e, ao mesmo tempo, fomentam o melhor desporto.



FOZ DO ARELHO — A prova de bateiras à vara para mulheres despertou grande interesse. Uma das concorrentes em plena prova



PORTO — Um trecho muito curioso do I Concurso Regional de caíques, no rio Douro

Ano VII — 11 Serie — N.º 355  
Lisboa, 7 de Setembro de 1949

**Stadium**

REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA ROSA 252-1.º

Telefone, 31187 — LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da  
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

## APLAUSOS SINCEROS!

**A**pista do Lima, a de atletismo e a de ciclismo, segundo parece, fechou-se para a prática de duas populares modalidades. Para os ciclistas, a ser assim — resta a estrada. Para os atletas puros — abriu-se o velho Campo da Constituição!...

Deste modo, assistiu-se no último domingo no histórico terreno à exibição de alguns dos mais famosos praticantes do atletismo, — e aqui começam os aplausos. E muito sinceros. O F. C. do Porto, graças ao nobilíssimo esforço de Arnaldo Borges, reage admiravelmente contra uma spatia ou desinteresse que surpreendem, e pôde por isso assistir-se a uma bela jornada de propaganda.

Abindo as suas portas ao público, com entradas grátis, em sendo o Campo da Constituição, o F. C. do Porto deu mais um exemplo do seu amor ao desporto, como verdadeiro clube eclético que é.

Nesta organização, quase lhe fomos chamando feste, interferiu também o nosso prezado camarada Alberto Freitas, segura autoridade no atletismo nacional, muito influindo igualmente a excelente propaganda da Imprensa portuense e do «Mundo Desportivo».

O público gostou da selecção que lhe apresentaram, sendo apenas de lamentar o facto de ser tarde para novas tentativas. Não se diga que o público do Porto não gosta do atletismo! Os desportistas portuenses precisam, isosim, de quem os compreenda, de elementos que o sirvam como Arnaldo Borges, um lutador admirável, sem dúvida das mais sólidas dedicações à modalidade e ao clube que representa.

Aplaudimos sinceramente os propósitos de Arnaldo Borges. Sabemos que continuará a trabalhar, pelo inverno fora, preparando novos elementos, chamando attas ao Campo da Constituição, e entregando os próprios adversários. Pois não lhe faltará o nosso aplauso. O atletismo portuense não tombará. O F. C. do Porto, que este ano triunfou em todas as categorias, e Arnaldo Borges, chefe da sua secção, amparado por certo aos que trabalham na Imprensa desportiva, continuarão lutando com o seu melhor e mais são entusiasmo.

Disso temos a certeza!

## Curiosidades...

Julga-se que aparecerão algumas complicações com os jogadores do F. C. do Porto, ainda sem fichas em ordem. A maioria não regularizou a sua situação. Os que foram a Africa, principalmente. Diz-se, mesmo, que algumas surpresas farão abrir muita boca de espanto!

✦ Todavia, ao grupo do F. C. Porto foi proporcionada uma bela viagem, muitas prendas, alegrias desconhecidas. Serão os jogadores lisboetas mais modestos? Assim parece...

✦ José Maria, o discutido jogador do Candal, que pela Africa deu que falar, pertence já ao F. C. do Porto. Os campeões do Norte ganharam a corrida...

✦ Manita, o jogador do famalicense que tem sido muito discutido, pediu a transferência para o Académico. Mas o Famalicão, tendo procedido a um inquérito, por mandato da assembléia geral, suspendeu-o por 2 anos. Isto é: — uma confusão diabólica!

✦ Tudo quanto se diga e escreva sobre Diogenes, é arrojado. O extremo esquecido do F. C. do Porto, embora tenha de matricular-se numa Faculdade de Direito — Coimbra ou Lisboa — pode muito bem continuar no seu clube.

✦ Diz-se no Porto que os jogadores lisboetas assinaram rapidamente as suas fichas, sem exigências especiais. Os mais categorizados, foram os primeiros. Comparando com o que se passa por cá, nem é de acreditar...

✦ No entanto, este na sede do F. C. do Porto um jogador lisboeta, ainda modesto actualmente, que pediu 50 contos para se transferir. Fora as naturais complicações com o seu clube. Os dirigentes portuenses parece que não lhe pagaram...

✦ Segundo parece, Barrigana não jogará tão cedo. Também não tomou qualquer compromisso com o F. C. do Porto.

✦ Victor Guilhar foi dispensado pelo seu clube, e treinará o Sporting de Lamgo. Talvez jogue alguns encontros. De qualquer modo, Victor Guilhar merece que o F. C. do Porto lhe preste merecida homenagem. Internacional e antigo capitão da equipa azul e branca, Victor Guilhar não pode ser esquecido pelo clube onde iniciou a sua carreira desportiva.

✦ Sobre o Tirsense correram alguns boatos. Parece que não se confirmam, entretanto, e ainda bem.

✦ Os dedicados salvagueiristas anam radianes. Revivem, porque é grande o entusiasmo no entre os seus jogadores, activamente treinados por Alfredo Valdas.

✦ Araújo, ao regressar de Africa, vai ser novamente inspecionado. Mas diz-se muita coisa sobre este jogador... Verdade? Mentira?

## Três títulos nacionais

**O**F. C. Porto conquistou mais 3 campeonatos de Portugal! O caso não teria importância de maior se não tivéssemos de acrescentar mais isto: «esses 3 campeonatos de Portugal... eram de nação!»

É precisamente este facto que nos leva a embandeirar em arco. A nação portuense, por falta de uma única piscina ao menos (na segunda cidade do país, acontece isto...) tem-se mantido ausente das competições nacionais, e só de longe em longe comparecia numa ou outra prova oficial ou particular. Este ano, porém, despertou, com alegria justificada dos seus numerosos adeptos.

No ano findo, já uma gentil nadadora portuense, Aliria Fiel, conquistou um título máximo. Este ano, repetiu o proeza. Mas Abel Guimarães, um novo de 19 anos, de quem muito há a esperar, como de seu irmão, acompanhou-a no exito e conquistou mais dois títulos nacionais.

Estes porque o facto do F. C. Porto haver ganho 3 campeonatos de Portugal tem alguma importância. Por certo se entusiasmarão definitivamente quantos té a trabalhado sem desfalecimento. A nação portuense, volendo-se do confortável tanque da Boavista, ou da piscina de Espinho, que não fica, afinal, muito longe, pode atingir o nível de há uns anos. Basta, para tanto, que se continue a trilhar bom caminho, atacando com segurança os problemas mais delicados da sua vida.

Os três campeonatos impressionaram com certeza os adeptos do F. C. Porto e os adeptos do salutar desporto. Respara em alguns, ou todos, na segura das referências aos jovens Abel e Alberto Guimarães, e Aliria Fiel, mas pouco pesará isso no seu e nosso espírito. A dúvida sobre as possibilidades do campeão nacional, que a principio se estabeleceram, também foram eliminadas com as suas provas de Coimbra, e sabe-se que estamos em presença de realidades e não de ussidades da crítica aniga.

Se o de amanhã não invadir os animosos praticantes da modalidade, sejam do F. C. Porto, do Sport, do Galitos ou do G. P. de Nação, poderemos afirmar que revivemos de facto a salutar modalidade. Assim deve acontecer. Os 3 títulos conquistados por nadadores do F. C. Porto servem com certeza de penhor indiscutível.

## Volta a falar-se no Estádio do F. C. do Porto

Esteve nesta cidade o sr. ministro das Obras Públicas, que recebeu alguns directores do F. C. do Porto, hoje como sempre interessados em resolver o problema do Estádio das Antas.

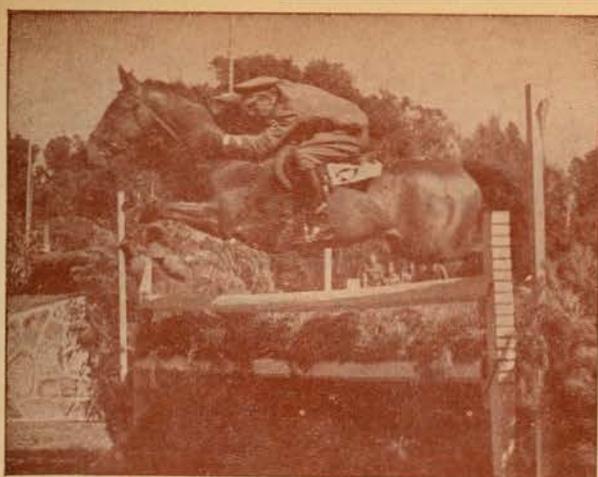
Do pouco que se sabe, consta ter-se dado um grande passo na solução deste «velhíssimo» caso. O sr. ministro das Obras Públicas, interessando em resolver da melhor maneira o assunto, deixou os dirigentes

esperançados e convencidos de que muito breve começarão as obras projectadas.

Pis exalt! O primeiro clube do Norte não pode viver no actualizado Campo da Constituição. É final todo o futebol, todo o desporto encerrado no velho terreno, pois o F. C. do Porto, como é sabido, a tudo se dedica com entusiasmo e honrosa persistência.



Constituiu um êxito o festival de Atletismo organizado pelo F. C. do Porto no campo da Constituição. Com ele ficou assinalado o ressurgimento do atletismo no norte. Foi uma bela iniciativa e uma jornada de propaganda magnífica. Na gravura vêem-se os atletas do Benfica, Sporting e Belenenses que foram ao Porto tomar parte no festival



O major Pimenta da Gama, na «Fada», vencedor da prova «Estorilo»

## O Concurso Hípico de Cascais

**C**OMEÇOU em Cascais, no hipódromo da Gandaínia, o último Concurso do ano, certamente o segundo em importância de quantos figuram na nossa Agenda Hípica.

A «Omnium», desdobrada em duas séries, teve, consequentemente, dois vencedores e, por sinal, dois cavaleiros bastante conhecidos. Na primeira série, para cavalos sem «handicaps» o major Pimenta da Gama, concurrenista de qualidades já definidas e internacional de nome feito, levou a «Fada» ao primeiro lugar, cobrindo o percurso sem falhas e em boa velocidade. Na segunda série, o triunfo coube a um «novo» que está impondo o seu nome e a garantir, em todas as provas, que tem «fibras» de concurrenista e qualidades de cavaleiro, muito de apreciar — o tenente Cruz Azevedo.

O «Rama», montado com o habitual desembaraço, fez a prova sem derrubes e num tempo, que tirou ao «Raso» a possibilidade de um triunfo já quase assegurado. Conhecendo-se não ser tarefa fácil bater os tempos conseguidos pelo famoso argentino, dar-se-á mais valor à vitória do «Rama».

No domingo, com uma chuva por certo preciosa mas um nadinha arreliadora, chuva que aliás não conseguiu afastar o público, o capitão Henrique Calado, montando como

ele sabe fazê-lo, levou o «Cafoné» a um triunfo que ninguém previa, se atendermos à anterior actuação do cavalo. É um cavaleiro excepcional que sabe, como nenhum outro, conduzir uma montada ao lugar da vanguarda entre os premiados e fazê-lo com inteiro mérito. Venha a prova « Direcção Geral dos Desportos », corrida em percurso de caça.

Também disputada na mesma modalidade teve depois lugar a prova «Duque de Palmela», esta dedicada aos «ases».

O capitão Relvão Nogueira, conhecendo bem até que ponto vão as possibilidades do «Congo», encurrou o caminho o mais que lhe foi possível e conseguiu um tempo, de tal forma notável, que ninguém o conseguia bater, e agora alguns andassem rondando próximo.

Foi uma linda vitória a acrescentar ao seu notável palmarés.

«Faneça» e «Bijões», montados pelos tenentes Cruz Azevedo e Ferrusco Junior, foram os que mais se aproximaram do «Congo». O «Abandonado» com o capitão Cavaleiro poderia, no entanto, se não fosse uma recusa, ter atingido o lugar de honra da classificação e não deve deixar de dizer-se que, a tê-lo alcançado, bem o mereceria.

O Concurso prossegue amanhã e termina no domingo.

ANTAS TEIXEIRA



O tenente Cruz Azevedo, no «Rama», vencedor da «Omnium»

## NATAÇÃO

# Joaquim Baptista Pereira

brilhante vencedor da prova Vila Franca-Alhandra

**A** semana finda, tal como as antecedentes, voltou a ser de logo movimentação para os nadadores. A época natatória continua, assim, fértil em organizações de vulto, pormenor que nunca é demais pôr no devido relêvo.

Quinta-feira à noite realizou-se o festival denominado «S. A. D. — A. N. L.», curiosa organização que o Algés e Dafundo defrontou uma «selecção» dos restantes clubes. Domingo de manhã, também no estádio náutico de Algés, disputaram-se, com apreciável concorrência de filiados dos escalões de «infantes», «avanguardistas» e «adetes», os Campeonatos Provinciais da M. P. Entre outros,

meritória, o funchalense José da Silva (50 m. 28 s.) que, assim, confirmou seus créditos de nadador de fundo.

Para o quarto pôto houve boa luta, dado que Manuel Pinhão (50 m. 42 s.) e João Faria (50 m. 44 s.) surgiram em condições de dirimir posições quase sobre a meta.

A posição do outro concorrente do Funchal, o nadador Vasco de Abreu, que não é propriamente um especialista de provas de fundo, pode bem considerar-se satisfatória, tendo conseguido adiantar-se a José Soares e Renato de Sousa — um trio que entrou na meta com pequenas diferenças, com as marcas res-



Festival «S. A. D. — A. N. L.» — A equipa do Algés, vencedora da estafeta de 3x33 metros. estilos: Franco do Vale, Cabral Rodrigues e Herculanio Trovão

destacaram-se David Ferreira, Jorge Mendes, Alfredo Santos, António Carqueijira, Orloff Luiz e Fernando Alpbão, que revelaram boas qualidades para a prática da modalidade.

A grande organização do dia foi, no entanto a prova de rio Vila Franca-Alhandra que, nesta sua sexta edição manteve todo o interesse e brilho das anteriores. Muito entusiasmo, muito público e a já esperada actuação victoriosa dos nadadores locais, Baptista e J. J. Jr.

De facto, Baptista Pereira (49 m. 14 s.) obteve bela vitória — justa e indiscutível. J. J. Jr. de Carvalho (49 m. 31 s.) foi excelente segundo. Em terceiro lugar, após uma prova indiscutivelmente

peritosa de (51 m. 5 s.), (51 m. 6 s.) e 51 m. 7 s.).

Dentro dos dez primeiros, temos ainda os nomes de Luís Graça (52 m. 47 s.) e José Cardoso (52 m. 53 s.).

O dia chuvoso, além de afastar, certamente, algum público, reduziu, um pouco, o efeito espectacular da competição. Com um dia claro de sol, a prova teria resultado melhor como espectáculo. Mas mesmo assim, constituiu, sem dúvida, excelente jornada de propagação, num meio que vibra intensamente com a natção e onde a modalidade conta numerosa falange de adeptos e praticantes.

ABREU TORRES

**ARCADIA** O DANCING N.º 1  
= DA CAPITAL =

**EXITO!!!** da extraordinária pareia de baile **VICENTE** Reys y Lolita Dolores

**EXITO!!!** do célebre conjunto **Los GANSOS** Cantores

nos seus ritmos e canções modernas

**EXITO!!!** da estrela de baile **LAURA ALONSO**

e da artista norte-americana **DAINA**

ANITA LUCENA. Mery Melly, Sara Senny, NICOLE  
BLANCHERY, Irene Conde e Mabel Valência

MUSICA CONSTANTE PELAS DINAMICAS ORQUESTRAS

**ARCADIA** com a vocalista **JULIETA RODRIGUES**

# Os corredores de velocidade

na época de 1949



Tomás Paquete

**M**ELHORES tempos da época: 100 metros: — Paquete (Bf.), 10 8; Morais (Sp.), 10 9; Maia (Sp.), 11 s.; Mire Dorez (C. M.), Eleutério (Bf.), Matos Fernandes (Bf.), 11,1 s.; Núncio (Sp.), M. Correia (A. A.), Casimiro (Bf.), 11,2 s. 200 metros: Jorge Abreu (Sp.), 22,3 s.; Paquete, 22,4 s.; Eleutério, 22,5 s.; Casimiro, 22,7 s.; Mire Dorez, 22,8 s.; Morais e Maia, 23,1 s.; Fel. Guerreiro (Sp.), 23,2 s.; Pinto Barroso (Bf.) e João Luis (Sp.), 23,4 s.

Os corredores de velocidade, que anualmente constituem o mais forte sector do atletismo português, não estiveram em grande realce na temporada deste ano, com excepção de Tomás Paquete que se manteve na melhor forma — e marcou superioridade flagrante sobre todos os adversários. Os restantes elementos que se haviam destacado na época anterior, nomeadamente Morais e Núncio, apresentaram-se este ano em grande baixa de forma; dos homens com nome feito, Eleutério foi o único que bem preparado, conquistou merecidíssimo título de campeão nacional nos 200 metros, com a sua melhor marca na distância.

Um motivo de satisfação nos trouxe, porém, as provas de velocidade em 1949 e este foi a revelação de bastantes corredores novos, guindados ao primeiro plano da especialidade; na lista dos dez melhores resultados que abre esta crónica figuram 2 principiantes e 5 juniores de 1948.

A nova organização técnica dos campeonatos, com as distâncias clássicas nos programas das três categorias, provou-se excelente na prática, favorecendo sem inconvenientes a adaptação dos novos praticantes.

Os torneios de principiantes destacaram dois nomes de um bom conjunto de inscritos: o académico de Coimbra Manuel Correia e o sportinguista Carneiro, aos quais se deve adicionar ainda o nome de Carlos Graça, outro sportinguista que nos aspirantes se destacou e possui ótimas qualidades naturais para brilhar num futuro próximo.

É na falange dos juniores que vamos encontrar a mais notável revelação da época: Jorge Abreu, creditado da melhor marca nos 200 metros, a dois décimos de segundo do recorde nacional, confirmada nos Regionais de Seniores, com 22,6 s.; de lamentar a sua ausência no Nacional, onde poderia ser o único a discutir o título com Eleutério. Nos atletas portugueses, mesmo nos melhores dotados, o interesse pela modalidade e o empenho na preparação, são sempre factores problemáticos; se este rapaz possuir estas duas condições, vê-lo-emos para o ano derrubar o recorde de Nuno Morais, que parece perdido para o atletismo, por desinteresse na preparação.

Outros nomes a citar, além dos referidos: o conimbricense Rocha Brito e os lisboetas Pinto Barroso, Guerreiro, João Luis e Alvaro Machado.

No Porto, infelizmente, nada a realçar: António Almeida, o melhor, fez 11,4 s. e 24,4 s. respectivamente nos 100 e 200 metros.

Os seniores tiveram quatro concursos para se exibirem: nos 100 metros, foi sempre Tomás Paquete o melhor, primeiro em Madrid, no Regional e no Nacional, segundo após o americano Peters; Rui Maria foi o mais regular depois do campeão, coleccionando os segundos lugares e demonstrando franco progresso.

Nos 200 metros, as classificações dividiram-se: Abreu foi o melhor frente aos americanos, mas deixou-se bater no Regional por Paquete; nem um nem outro participaram na prova nacional, que Eleutério venceu muito bem, seguido por Fernando Casimiro, outro novo com bom futuro.

SALAZAR CARREIRA

## Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número . . . .	2\$50
3 meses, Esc. . . . .	32\$50
6 » » . . . . .	65\$00
12 » » . . . . .	130\$00

# Últimos apontamentos dos campeonatos nacionais

**U**M dos aspectos a reter dos nacionais de natação disputados em Coimbra é, sem dúvida, o da representação da provincia, incluindo neste, claro está, o «trio» madeirense. Lisboa não marcou, de facto, a habitual supremacia absoluta. Com efeito, nas doze provas de campeonato — oito masculinas e quatro femininas — três títulos pertenceram à Associação do Porto e um, conjuntamente, a Coimbra e Funchal. No que toca à conquista dos postos de honra, merece especial relevo o comportamento dos nadadores funchalenses, com dois segundos e quatro terceiros lugares.

**E**vem apropósito frisar a extraordinária influência que o comportamento de Vasco de Abreu, José da Silva e Frederico Henriques — mormente o primeiro — irá ter na Pérola do Atlântico.

Na Madeira, segundo nos declarou o secretário da Associação do Funchal, o nosso presado amigo Luis Quesada, há verdadeiro entusiasmo pela natação e matéria prima da melhor qualidade. E todos que se entregam à natação desportiva alimentam um sonho: a vinda ao Continente. O comportamento dos esforçados madeirenses em Coimbra, é prova cabal das possibilidades da natação insular. E motivo mais do que suficiente para que no Funchal todos os elementos ligados à natação exultem e redobrem de esforços.

**O** «caso» Abel Guimarães ficou esclarecido. Quando os seus «tempos» dos campeonatos regionais foram conhecidos em Lisboa, gerou-se natural curiosidade. Eram os melhores do ano. E nos círculos afectos à modalidade, chegou a pôr-se esta hipótese: é um fenómeno...

Afinal, o «caso» é muito simples. Foi Frederico Spranger, delegado da Associação do Porto, que em conversa nos explicou a razão da «classe» de Abel Guimarães.

Trata-se de um rapaz de 19 anos, de excelente compleição atlética, nascido no Brasil, filho de pais portugueses. Na pátria irmã fez-se atleta e nadador. E agora, no Porto, onde se encontra desde Outubro, por via dos seus estudos, ingressou no clube azul e branco.

Abel Guimarães, aureolado com dois títulos nacionais, pode desempenhar papel preponderante no ressurgimento da natação portuguesa.

Lisboa terá ocasião de admirá-lo, por ocasião dos festivais com o P. U. C.

**E**M curto espaço de tempo, Coimbra conseguiu apresentar, nas provas complementares dos nacionais, multíssimos nadadores. Gente de palmo e meio, enérgicos e voluntários, a «mudagem» coimbrã demonstrou excelentes qualidades a proveitar. Ficou mais uma vez demonstrado que não falta boa matéria prima em Coimbra.

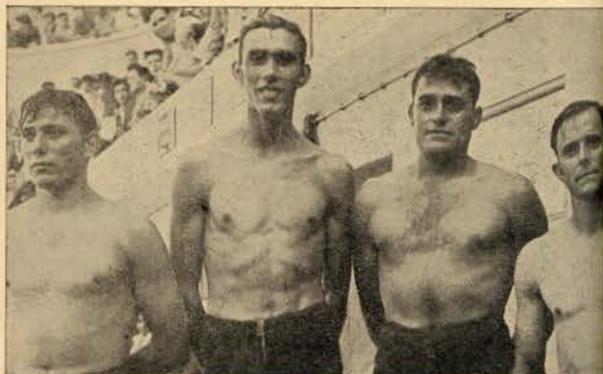
Dizia-nos com razão Manuel Gaspar: «dentro de três ou quatro anos, Coimbra é um caso sério...».

Que assim seja, de facto, para benefício da natação portuguesa.

**C**OMO presidente do juri de honra, assistiu às provas o sr. dr. Alberto Sá e Oliveira, illustre presidente do município, a quem Coimbra muito deve, a começar pela própria piscina.

O distinto professor tornou-se, assim, credor das melhores homenagens por parte dos desportistas conimbricenses.

(Continua na pág. 15)



CAMPEONATO DA F. N. A. T. — A equipa do Cimento Tejo, vencedora da etapa 4x66 metros-livres em 2.ª categoria: Perfirio Santos, Alvaro Pereira, João Faria e Mário Neto

## HIPISMO

# O CAVALO "ZUARI"

afastado por doença grave,  
da equipa nacional

guidas pelos capitães José Carvalhos (2) e Alves Pereira.

Em 1948 realizaram-se em Londres as provas dos Jogos Olímpicos, nas quais tomaram parte os cavaleiros portugueses.

O «Zuari» deslocou-se à Grã

Atingiu assim a mais alta era-veira desportiva, tornando-se montada Olímpica, título que bem mereceu e que só os cavalos muito bons podem alcançar.

A sua mais recente classificação obteve-a este ano no Con-



O «Zuari»

O cavalo «Zuari», que desde 1945, estava integrado no grupo de montadas da equipa nacional, adoeceu com gravidade, receando-se que não possa voltar às nossas pistas, onde o seu nome se tornou conhecido, mercê de inegáveis e magníficas qualidades de cavalo de desporto.

A sua história, apesar de curta, é brilhantíssima. Puro sangue, adquirido na Irlanda, em 1943, foi distribuído então, ao tenente Henrique Calado, que logo no ano seguinte o inscreveu na prova denominada «Irlandeses» do Concurso de Lisboa. Primeira prova pública e logo uma magnífica 2.ª classificação, a garantir o seu valor, a sua força e a sua facilidade de salto.

Fácil se tornou reconhecer-lhe possibilidades de ingressar na reserva da equipa o que se verificou, de facto, logo no ano seguinte, apenas com oito anos de idade, visto que nascera em 1937.

O número de classificações que brilhantemente obteve desde o seu aparecimento nas pistas até à data, eleva-se a oitenta, entre as quais se contam 13 vitórias, 12 segundos prémios e 7 terceiros.

Na sua totalidade os prémios pecuniários que obteve atingem 53.537\$50, o que lhe deu um lugar de destaque entre os nossos melhores ganhadores.

Triunfador de inúmeras provas difíceis, devem, no entanto, mencionar-se, entre as mais brilhantes, a da «Cça» do Concurso de Barcelona de 1945 e as dos «Grandes Prémios» de Oeiras, no mesmo ano, e de Sintra e Caldas em 1947.

Todas elas foram alcançadas montado pelo capitão Henrique Calado, que obteve, com o famoso irlandês, ainda mais seis primeiras classificações.

As três restantes foram conse-



O Capitão Calado com o «Zuari»

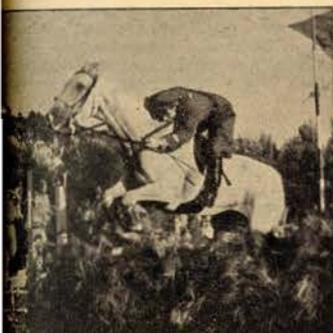
Bretanha e ali, disputou, montado pelo capitão Fernando Pais, o «Concurso Completo de Equitação», prova correspondente ao nosso Campeonato do Cavalo de Guerra.

curso de Madrid — o 13.º lugar no «Grande Prémio».

Deslocou-se ao estrangeiro diversas vezes, disputando Concursos Hípicos em Barcelona,

### Palmarés do cavalo «Zuari»

Anos	Escudos	Prémios	Vitórias	2.º lugares	3.º lugares
1944	1.700\$00	7	1	2	—
1945	10.212\$50	17	4	3	1
1946	7.170\$00	18	2	4	2
1947	19.780\$00	17	5	2	1
1948	10.550\$30	15	1	1	1
1949	4.125\$00	6	—	—	2
	53.537\$50	80	13	12	7



O «Zuari» saltando o «oxer»

## A CLASSE

das donas de casa

No programa da Lingiada, recentemente celebrada em Estocolmo, apresentaram-se núcleos ginásticos de todas as categorias e de variadas nações mas, como era natural, foram os suecos que apresentaram os mais imponentes conjuntos, procurando assim impor nos espíritos dos seus numerosos visitantes a grande expansão popular da educação física em todas as classes sociais.

Exibiram-se grupos de todas as idades em ambos os sexos; mas a mais extraordinária e imponente demonstração foi certamente a do conjunto feminino designado das «donas de casa», que reuniu mais de dez mil mulheres, na realidade casadas e donas de casa.

Sucedeu ainda que o tempo não se manteve favorável para tais espectáculos, chovendo com persistência, pelo que as 10.000 donas de casa executaram a sua lição num terreno encharcado e regadas pela chuva.

Dizia-nos um ilustre professor, que assistiu a esta extraordinária parada, a sua enorme surpresa, confrontando com o que teria acontecido em Portugal, em idênticas circunstâncias: não se juntava uma dúzia de senhoras!

Na realidade a propagação das práticas ginásticas no nosso país tem alcançado sem dúvida consideráveis resultados, na juventude pela acção da Mocidade Portuguesa, nos adultos pelos esforços dos clubes e da F. N. A. T.

A generalização é, porém, muito difícil, principalmente fora dos grandes centros, pela falta de pessoal didáctico habilitado.

O povo português não conhece ainda a educação física e os seus benefícios, porque o tempo não chegou para enraizar novos hábitos. Estamos no começo da campanha, os resultados são favoráveis e animadores. Havemos de chegar ao fim proposto.

Burgos, Madrid, Londres e Paris. Além dos cavaleiros já indicados montaram o magnífico irlandês, se bem que ocasionalmente, os capitães Correia Barrento e Reimão Nogueira, tenente Cruz Azevedo e por último o major Helder Martins, a quem estava actualmente distribuído.

O «Zuari», deu entrada no Hospital Veterinário, sendo natural que tenha de ser tentada uma intervenção cirúrgica, depois de um período de tonificação que se impõe. A sua doença é rara e bastante grave.

ANTAS TEIXEIRA

# O TORNEIO DE PREPARAÇÃO DA A. F. L.



## As opiniões de PEYROTEO

no começo da nova época de futebol

**C**OMEÇOU a bola! Voltou a animação aos recintos do popular jogo. Reacendem-se as paixões clubistas que vão alimentar a luta enérgica a depender pelos grupos, o entusiasmo pelos resultados dos desafios.

— Que lhe parece que vai ser a nova época de futebol?

A pergunta fizemo-la a Fernando Peyroteo, ao iniciar uma rapidíssima conversa travada dentro de um táxi, que galgava a distância que vai do seu estabelecimento ao campo do Sporting.

— Não será igual à época anterior — diz nos o grande avançado leonino.

De uma maneira geral quer-me parecer que o futebol deste ano será inferior.

— Então os «lêdes» não se apresentarão capazes de sguentar os feitos da última época futebolista?

— Não. O Sporting não me parece capaz de se apresentar com o nível técnico que lhe deu justas e brilhantes vitórias no ano passado.

— Mas...

— Quero crer que os «lêdes» não terão este ano grandes possibilidades de exibirem a perfeição desenvolvida em 48/49. Há jogadores lesionados, aos quais se juntou agora Travassos. Mas, mesmo com o xadrez completo, deverá ser difícil colocar o grupo do Sporting na posição anterior.

— E os outros grupos?

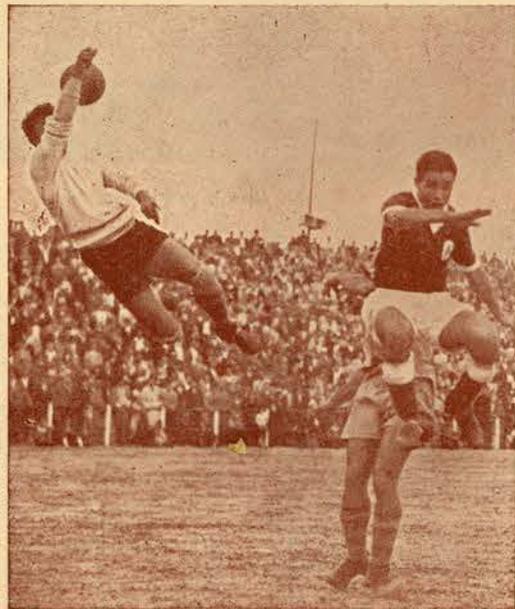
— Observando os vários factores que pesam nestes julgamentos, todos vão estar inferiores aos outros anos. Um só me parece capaz de melhor se apresentar em campo — melhor quero dizer em conjunto técnico, formando um grupo mais homogêneo e de melhor ligação entre os seus

(Continua na página 12)



PRIMEIRO GOLO DO SPORTING

Peyroteo saltou primeiro e mais alto e fez assim o primeiro golo do Sporting, que Feliciano não pôde evitar



Sebastião lançou-se decididamente à bola que Teixeira pretendia enviar às redes. A bola, no entanto, ainda passou mas sem consequências



EM CIMA: novamente Peyroteo em acção — uma jogada de que saltou o seu segundo golo. EM BAIXO: uma fase movimentada junto às redes de Sebastião, mas sem perigo para estorilistas

**A** primeira jornada do torneio da Liga Preparação, organizado pela A. F. L., para manter — duplamente manter — os clubes da capital, foi bem acolhida pelo público. Diz-se que é uma prova sem significado. Será: mas os clubes precisam dela (primeiro ponto a observar) e o público não deixa de comparecer aos desafios (segunda nota a salientar). É exactamente por isso, porque o público afliu, que os clubes necessitam desta ou outra prova semelhante.

Sob todos os aspectos esta primeira jornada satisfaz. A organização — porque houve público... O público — porque vai jogar razavelmente...

Os resultados: Belenenses, 0-Sporting, 4; Benfica, 5-Estoril, 2; Oriental, 3-Atlético, 3.

Ainda é cedo, claro, para se formularem hipóteses. Repare-se, no entanto, na clareza das vitórias do Sporting e do Benfica, aquela sem dois titulares que figuram na base do «team» e os encarnados continuando na excelente política dos jovens. Uma política que tem, mais tarde ou mais cedo, de ser a seguida por todos os clubes. O tempo se encarregará de os encaminhar nesse sentido.

E os jovens têm-se evidenciado. Teixeira um junior da época passada (campeão nacional, até) revela facilidades a aproveitar. E leva-nos a recordar os tempos em que muitos clubes incluíam nos seus «conexes» apazes formados nos seus grupos de juniores.

**S**porting e Belenenses jogaram nas Salésias. O resultado é berrante e leva-nos a conclusões curiosas. Uma: os «lêdes» mantêm-se em bom ritmo, não tendo jogado Canário e Travassos, peões basilares no xadrez do grupo; outra: os belenenses acusam talvez mudança de orientação técnica, verificada muito perto do começo da época.

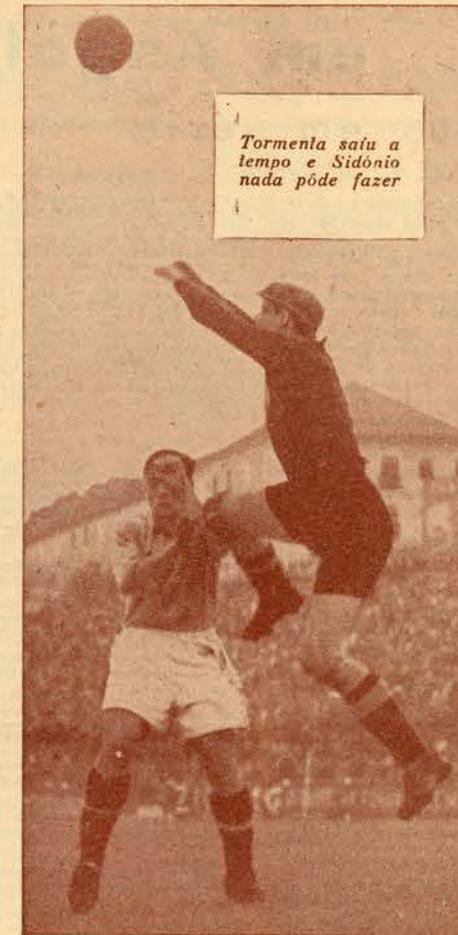
A verdade é que o poder atlético dos verdes superou o dos azues. Estes caíram até bem cedo, consentido aos adversários movimentos livres — e brilhantes.

Peyroteo, como que a preparar a suíte de homenagem, marcou os quatro golos. Proeza de vulto — mesmo num jogador que já nos habituou a feitos icônicos... Surpreende, no entanto, tanta superioridade evidenciada pelo avançado-centro leonino em face do defesa central belenense (Feliciano).

Nos «lêdes» nada de novo. Tormenta, as redes, já não é surpresa nem novidade.

MANUEL MOTA

(Continua na página 13)



Tormenta saltou a tempo e Sidónio nada pôde fazer



Alberto, cobre um avançado do Benfica



## Como XICO FERREIRA

previa, há dois meses, a nova época de futebol

**T**ERMINARA a época oficial de futebol de 1948/49. O Benfica, no Estádio Nacional, jogou a final com o Atlético. Nessa noite, casualmente, sentámo-nos a uma das mesas do Puchero, o acolhedor e interessante restaurante-bar do Xico Ferreira. Havia caras conhecidas.

Ao nosso lado o nosso querido amigo Xico Oliveira. Palesirou-se. Xico Ferreira — uma simpatia — veio para junto de nós. Falou-se de futebol, claro. Apreciou-se o que fora a época que nessa tarde findara. Apontaram-se factos, citaram-se nomes.

— Veremos o que nos reservará a próxima época — dissemos, dirigindo-nos a Xico Ferreira.

O popular jogador do Benfica e do grupo nacional estorceu o nariz...

— Que quer dizer esse gesto?

O Xico encolheu levemente os ombros e disse-nos:

— Há-de ser pior. Tecnicamente fraco. Prevejo isto mesmo neste final de temporada. E julgo que não me engano. Verá.

— Não vemos bem em que filia esse seu prognóstico — retorquimos a deejear opinião mais clara.

A nossa volta dão-se opiniões várias a este respeito. Xico Ferreira entra um pouco mais na conversa.

— Isto, meu amigo, tem que dar uma volta. Não sei bem qual seja, mas tem de mudar. Pode ser que não seja nos meus dias, mas muda concerteza.

Xico Ferreira alonga um pouco mais as suas considerações.

— Veja o que foi esta época. Que elementos apareceram. Cada vez há menos gente para jogar a bola, com geito, com personalidade, evidentemente.

(Continua na página 12)

# A equipa do F. C. do Porto em Angola

## Vitórias e Trofeus em série

**O**S jornais da província de Angola referem-se com muito entusiasmo à visita do F. C. do Porto, que como se sabe tem sido coroada de absoluto êxito desportivo. A equipa nortenha, que se exibiu também no Congo Belga, vencendo uma forte selecção por 4-2, regressará à Metrópole cheia de honras e algum proveito, segundo parece.

As suas últimas apresentações, no Lobito e em Benguela, contentaram o público que assistiu em número elevado. Foi dia de festa na cidade, que já se havia despedido para receber os campeões nortenhos no aeroporto.

Ao ser conhecida também a notícia da visita do F. C. do Porto a Benguela, onde o Porto ganhou por 9-2, apouso-se da população local o maior entusiasmo. Assim o transmite «Jornal de Benguela» ao dizer num dos últimos números, chegado por avião às nossas mãos:

«Agora que está consumada, e por forma a todos os títulos brilhante, a jornada desportiva de que foi ante-ontem teatro o Campo «Engenheiro Raimundo Serra», no Lobito, nós podemos — sem que nos sejam imputados propósitos tendenciosos que este jornal não usa — afirmar que as negociações encetadas pelo nosso velho e prezado amigo sr. Adelino Chaves, junto dos organismos superintendentes, para a vinda do simpático Futebol Clube do Porto a Benguela, foram levadas a bom termo.

E nem poderiam, em boa compreensão das coisas, estar fadadas para um êxito! De resto tinham razões especiais, indemonstráveis, de quanto a tal respeito víhamos escrevendo...

O «Porto» vem, finalmente, a Benguela!

E vem fortalecido e valorizado, na sua linha, com a inclusão do «Internacional-Virgílio», que ainda se não mostrou entre nós.

Benguela, esta Cidade que sempre soube manter, com orgulho muito seu, posições destacadas nos grandes movimentos de interesse regional — sejam eles de que natureza forem — não poderia inferiorizar-se neste campo.

A notícia é, contudo, de sensação para a maioria dos benguelenses, estes benguelenses que agitados por contraditórios comentários e rebates, já lamentavam que desta vez se viesse a registar uma falha; estes benguelenses para os quais o prestígio da Cidade, o brío da tradição, ainda representam elevado capital moral.

Principiou-se já a trabalhar para que a Embaixada visitante jogue ali no Campo Atlético de S. Filipe, do S. C. Portugal, na tarde de quinta-feira próxima. Conhecera o rectângulo de *melhor jito*, dos que tem experimentado em Angola — se não erram as opiniões de entendidos.

A vinda é certa; mas certos e onerosos são, inquestionavelmente, os encargos que isso representa, muito embora todos os esforços desenvolvidos hajam objectivado atenuar a cifra contractual primeiramente fixada.

Verifica-se por este artigo do órgão de Benguela, que os desportistas locais receberiam com demonstrações da maior simpatia a embaixada portuense. A Câmara Municipal, como já aconteceu com outras da Colónia, considerou os portuenses hóspedes de honra, e não tem conta a série de

homenagens, de prendas e de taças recebidas pelos campeões do Norte.

Pela leitura dos jornais percebe-se também que o jogo mais difícil dos portuenses, ou pelo menos dos mais difíceis, se efectuou contra a selecção do Lobito. De Luanda, transportados em avião, de Benguela e de Catumbela afluíram entusiastas — que deram o tempo por bem empregado, pois o 4-1 ficou apontada como a melhor marca obtida por equipas angolanas até aquela data.

Sobre o renhido encontro do Lobito diz o «Jornal de Benguela»:

«O F. C. Porto entrou no campo conduzindo o estandarte simbólico, com as armas da Cidade Invicta, companheiro das jornadas desportivas dos campeões nortenhos. O grupo percorreu o terreno, numa saudação impressionante a todo o público. Uma rajada de palmas sacode o recinto.

Os mais entusiastas aclamam o «Porto» que pisa pela primeira vez o terreno de jogos lobitanga.

Duzenas de fotógrafos invadem o campo, então, disputado instantâneos.

Dois encantadores míticos, ostentando a equipa portuense, vão entregar lindos ramos de rosas aos visitantes.

Entra a seguir, em campo o onze da selecção concelhia, sendo recebido com grandes aplausos, nos quais vai seguramente condensada a confiança da Cidade do Lobito.

Há brabos de incitamento, encorajantes. E sob a arbitragem de Américo de Oliveira, a luta começa, saindo o Porto que joga nesta primeira parte contra o vento.

Não vimos aqui fazer minucioso descritivo do jogo, lance por lance. A traço largo registamos as características essenciais do encontro, que colocou frente a frente uma equipa do continente, cheia de prestígio, e uma anímosa — porque foi sobretudo anímosa e combativa, extraordinariamente combativa! — selecção de rapazes nossos, aqui feitos, sem cariz, sem perfectibilidade de técnica nem classe de conjunto — dado até que de uma selecção se tratava, sem a coesão precisa.

O Porto evidencia uma preparação e uma tática que os nossos não têm.

E é isso, apenas isso, a nosso ver, que estabelece a diferenciação principal e explica a superioridade dos metropolitânicos, no terreno. O seu jogo curto, desmarcado, progredindo geometricamente pelo rectângulo, sob pequenos toques, ajustados a uma colocação por vezes surpreendente, faz com que a bola, assim dominada e conduzida, se ache, de um momento a outro, dentro da grande área adversa, na zona de perigo, pronta ao remate.

Abstrahido da sua defesa, nos instantes de maior apuro, a equipa portuense não faz jogo alto e quase não o disputa nessas condições. A vantagem da sua técnica exerce-se precisamente no jogo triangulado, curto, quase sem cruzamentos espectaculares de extremo a extremo. E quando na área de transformação, dir-se-ia que a fleugma dos dianteiros não os deixa perceber da proximidade da baliza, frustrando por isso mesmo aquela emoção que levanta o público das bancadas e prepara o calafrio das multidões.

Depois de se referir em termos entusiásticos ao esforço da selecção do Lobito, pois soube reagir e manter-se com estoicismo, diz o nosso camarada angolano. Couceiro, antigo jogador da Académica, jogou pelo Lobito.

«Ao nosso lado, dirigentes do F. C. do Porto e do F. C. de Luanda por mais de uma vez afirmaram, desde o primeiro quarto de hora da luta, que os azeus brancos estavam nesta tarde a realizar seguramente o *matu renhido e sério embate de quantos efusora já, desde a sua primeira exibição em Angola!*»

Isto define e classifica o nosso futebol distrital.

A tática perfeita do Porto, o Lobito após declarada impulsividade de jogo, com belos lances também — e algum azar em fases terminais de jogada, as quais lhe poderiam ter concedido, em boa verdade, logo na primeira parte, dois golos indiscutíveis.

\*\*\*

O piso do campo, péssimo, prejudicando uns e outros. Carlos Nunes, do Porto, não nos ocultou o seu descontentamento a tal respeito. A tática de jogadas curtas, sobretudo nas grandes áreas, prejudicou a toada e o estilo dos portuenses.

É evidente que não surpreendeu ninguém que o F. C. do Porto saísse vencedor do terreno.

Mas o que satisfaz constatar, numa evidência que não carece de demonstração, é que o nível do futebol desenvolvido pela selecção foi o mais alto que ainda se deparou em campos de Angola, até ao momento, a uma formação que já bateu o célebre «Arsenal».

Quando um dia em Angola houver treinadores actualizados com a técnica futebolística, que preparem os nossos, podemos ter não só esperanças, mas a certeza absoluta de que poderemos trabalhar para um intercâmbio com a Metrópole, pois as nossas equipas poderão ir nessa altura lá — de igual para igual!

O digno Governador da Província, Inspector sr. Lima e Lemos, e sua esposa, honraram com a sua presença esta hora desportiva.

Foi a esposa do sr. Governador quem, no final do encontro, fez entrega da Taça ao F. C. do Porto, em meio de fartos aplausos.

Entretanto recolhiam-se impressões, dos dirigentes e técnicos do Porto. Foram gentis nas suas apreciações, corroborando todos esta conclusão que honra os rapazes da selecção concelhia do Lobito: nunca esperavam que lhe fosse oposta uma linha tão equilibrada e combativa como aquela que acabava de *saber perder*!

Depois do Lobito, outro êxito os esperou em Benguela. Mais tarde, em Leopoldville, contra a selecção do Congo Belga, que foi batida por 4-2, por entre o entusiasmo de muitos portugueses ali colocados. Centenas de bandeiras nacionais foram agitadas quando o F. C. do Porto entrou no campo para enfrentar uma selecção franco-belga. E no final do encontro, todos os jogadores foram transp dos em triunfo.

São estas as notícias que nos transmite o dr. Cesário Bonito, antigo presidente da Direcção do F. C. do Porto. O distinto desportista teve também a amabilidade de nos enviar jornais angolanos, por avião, comunicando-nos ainda que a equipa não jogará contra Lourenço Marques, como estava em princípio projectado, num torneio triangular Luanda-Porto-Mocimbeque. A equipa estará em Lisboa dentro de poucos dias. Mas talvez volte para o ano a Angola e também a Lourenço Marques. Sinal de que tudo correu agora pelo melhor.

## A incrível proeza

**Q**UANDO, no princípio da época actual, o belga Gastão Reiff, campeão olímpico da legua, correu os três quilómetros em 8 m. 5 s., ameaçando o mais famoso dos recordes mundiais de Gunder Haegg, houve quem contestasse a regularidade do feito e na Suécia escreveu-se que a medição da pista não fora rigorosa ou os cronómetros mal aferidos.

O valoroso corredor belga quis responder a estas injustas acusações da maneira mais desportiva e prontificou-se a disputar uma prova na Suécia, contra os melhores especialistas nacionais. A prova foi marcada para o passado dia 12 e tratava-se, em princípio de uma corrida de 2.000 metros, que Reiff proseguiu durante um quilómetro mais.

O francês João Ternier foi o melhor auxiliar do campeão belga, conduzindo a marcha em bom andamento, mas parou, como os restantes competidores aos dois quilómetros e Reiff percorreu sozinho os mil metros finais.

Em circunstâncias assim difíceis, o famoso belga conseguiu a incrível proeza de derrubar o recorde de Haegg, terminando em 7 m. 58 s. 1! A marca mundial considerada como a mais extraordinária do mais extraordinário corredor de meio-fundo de todos os tempos, foi superada em 2,4 segundos, o que corresponde a cerca de quinze metros!

Com este resultado, Gastão Reiff passa à história do atletismo como uma figura de renome imperceptível: correr duas vezes 1.500 metros, consecutivamente, em menos de 4 minutos cada, é tão fenomenal como o será um dia a proeza ambicionada desde sempre pelos anglo-saxões, de correr a milha nesses mesmos quatro minutos.

Detentor já do recorde mundial dos 2.000 metros, com 5 m. 7 s., o campeão belga alcançou agora o mais belo dos triunfos, provando como é contingente todo o cálculo feito sobre o limite das possibilidades humanas. O recorde de Haegg, considerado insuperável, durou sete anos; quantos outros anos se manterá intacto este tempo de Reiff que, hoje, nos deixa estupefactos e parece inhumano?

## GRAVURAS

de Armeis & Moreno, Lda.

Travessa S. João da Praça, 38



Francisco Bastos, o recordista destronado

# Gostei muito destas vitórias de JOAQUIM BRANCO

— diz-nos FRANCISCO BASTOS, o magnífico atleta a quem pertenciam as anteriores «marcas» dos 1.000, 1.500 e 2.000 metros

A época de atletismo ficou este ano assinalada agradável-mente pela proeza do atleta belenense Joaquim Branco, conseguindo melhorar três recordes nacionais. O facto revela estarmos em presença de um atleta de inegável merecimento, rapaz de um futuro brilhante no desporto magnífico que é o atletismo.

Em acontecimento desta natureza seria naturalíssimo a entrevista com o campeão. Meia dúzia de palavras e o sorriso franco do campeão a rodear o natural acanhamento em falar ao público, marcariam o encontro entre o atleta e o jornalista.

Deixemos por agora o atleta entregue ao seu contentamento, alegria de que muito merecidamente compartilha o nosso camarada Alberto Freitas, seu orientador e a quem cabe percentagem importante nos belos triunfos de Joaquim Branco.

Fomos trocar impressões com o outro atleta, aquele que viu os seus recordes batidos — Francisco Bastos.

O atleta sportinguista, que se firmou como um dos nossos melhores corredores, conquistando títulos e uma posição de relevo no atletismo, mercê dos seus feitos e do seu apurmo de sportista, faltou este ano nas competições.

Não cremos que seja o abandono. Francisco Bastos tem ainda em si qualidades de sobejo para triunfar no desporto que lhe é tão querido. Além disso, Francisco Bastos, sportista cem por cento, autêntico amador, não pode ser esquecido. O seu perfil de atleta marcou uma posição no conjunto dos nossos praticantes de atletismo.

Conversemos, porém, com Francisco Bastos.

— Que pensa dos triunfos de Joaquim Branco?

— O melhor possível. Alegro-me ver um atleta conquistar as suas vitórias com merecimento. Além disso, o desporto precisa destas coisas. Deveria já estar na forja outro atleta a tentar bater, agora, os recordes do Branco.

— V. que é um metucioso nos seus treinos e preparação atlética, que lhe parece a forma de Branco?

— Por acaso, esta época, não vi o Joaquim Branco em corrida, mas tenho excelente impressão das suas possibilidades. Além disso, não é por mero acaso que estas coisas se conseguem. Reconheço até nele qualidades que o podem levar longe. E uma delas permite-lhe fazer coisas: o engodo que tem pela corrida. Ao mesmo tempo confirma-se que tem a seu lado um bom orientador. Sim, porque nestas vitórias, o atleta arrecada para si 40% do triunfo. Os restantes 60% pertencem com justiça ao nosso orientador, se um e outro se compreendem e formam a peça necessária para girar na pista a vitória desejada.

Francisco Bastos aproveita uma frase nossa:

— Disse-me que eu era metucioso nos meus treinos e na minha preparação.

— Tem razão. V. sabe que era assim mesmo. Mas, pensei demais na preparação em vez de pensar em obter resultados.

«Sei que poderia ter feito melhor. Mas não fiz, e os resultados é que contam.

«Quando se tem 19 anos e se é recordista dos 400, 500, 800, 1.000, 1.500 e 2.000 metros, é justo pensar que poderemos subir mais na craveira dos resultados.

«No entanto, isto não quer dizer que tenha ilusões, ou pretenda enfraquecer as belas vitórias do Branco.

«Em certa altura faltou-me um orientador. Andava sosinho e nos últimos quatro anos sucedeu-me isto: tinha medo da pista.

— Quando notou o Branco?

— Reparei nele quando do Portugal-Bélgica, em 1947. Nessa corrida só uns escassos segundos o separaram de mim.

«Depois, no ano passado, «esentiu-o» melhor. Quando alinhámos para os 800 metros julguei que o Branco *morreria* muito antes. No entanto, quando passei os 600 metros ele não só ainda não *morrera* como apertava o andamento com vigor, e na ponta final tive de puxar para que o corredor belenense não me vencesse.

«Tem alma, tem confiança e não tem medo. Estes pormenores

parecem-me de grande valia no Branco.

«A sua vitória de agora nos 2 mil metros é esplêndida. Embora não ofusque os outros resultados este é excepcionalmente muito melhor.

— Esperava ver tão repentinamente os seus recordes destronados?

— Compreendo que no desporto, e muito especialmente no atletismo, a incógnita rodeia todas as competições.

Recordamos, no decorrer desta conversa despreocupada com



Joaquim Branco, o valoroso atleta belenense que com notável regularidade, se apôs-sou dos máximos de Francisco Bastos

porto tenho em meu poder esse prazer belo que se adquire da vida ao ar livre, dos seus resultados benéficos para o corpo e para o espírito, e uma camisola do Sporting, que guardo solenemente, e que o clube me ofereceu, tinha eu 16 anos. Além disso, só a toalha e a água do duche do Sporting.

Francisco Bastos diz-nos isto com certa pontinha de orgulho, o que é natural.

Quase a despedirmo-nos insistimos numa pergunta?

— Quando volta à pista? Francisco Bastos não evita uma resposta e é sincero quando nos diz:

— Reafirmo-lhe que ainda não abandono. Mas francamente também não sei quando voltarei — ou mesmo, se voltarei.

Tinhamos palestrado um pouco, em plena rua — as nossas palavras quase sendo absorvidas pelo ruído das artérias movimentadas da Baixa — mas ainda queríamos ouvir de Francisco Bastos a sua opinião acerca do aspecto actual do atletismo português. Tem de facto personalidade moral e sportiva para nos dar uma opinião. Mas, sorriu. Abraça-nos com simpatia e diz-nos simplesmente:

— Não falemos dessas coisas. Agora vou tranquilamente aproveitar o resto desta tarde. O espírito sossegado. De bem com a minha consciência, após mais um dia de ter cumprido o meu dever de cidadão.

E já na despedida:

— Tenha bem presente, no entanto, que gostei imenso desta vitória do Joaquim Branco e que faço votos para que apareçam muitos atletas desta fibra. Ao mesmo tempo desejava que o Belenense singrasse triunfalmente no atletismo, o Belenense e todos os outros. Muitos atletas, muitas competições, muitos valores, para prestígio e desenvolvimento do nosso atletismo.

Belo espírito de campeão, de sportista, o de Francisco Bastos.

FERNANDO SÁ

## UM REPTO

Do antigo pugilista António de Figueiredo recebemos uma carta, lançando ao lutador José Luís um repto, quer para a modalidade de «catch as catch can» quer na de «vale tudo», deixando ao campeão a liberdade de ditar as condições que lhe convinhem.



Adriano Gomes, Eleulério, Mito Fernandes e Tomás Paquete, a equipa do Benfica que bateu o recorde da estafeta olímpica

## ATLETISMO

# Um recorde batido e duas tentativas falhadas

**N**A sexta-feira passada, na pista do Lumiar e perante uma centena de pessoas, o corredor belenense Joaquim Branco tentou conquistar um novo recorde nacional, o dos 3 000 metros, mas não conseguiu o seu intento. O valeroso atleta começou em bom andamento, só na pista, mas faltou-lhe poder na volta final, que teria de percorrer em 61 s. para melhorar o tempo recorde. As pernas não o ajudaram e embolou tarde, já a meio da recta final. Gastou nos três quilómetros 9 m. 2,2 s., seu recorde pessoal e quinta marca portuguesa (Pires de Almeida, 8 m. 52,5 s.; Manuel Dias, 9 m. 0,6 s.; João Silva, 9 m. 1,4 s. e Afonso Marques, 9 m. 1,5 s.).

Joaquim Branco pareceu-nos necessitado de relativo descanso, interrompendo por este ano as suas tentativas; o que fez chegar para ser considerado o atleta do ano.

A sua passada, sinal evidente de excesso de forma, encurtou; o pé levantou-se pouco durante a fase de suspensão. Nada disto sucedia há quinze dias, quando o víramos correr pela última vez.

Depois de um período de repouso poderá recomeçar sem perigo o treino de aperfeiçoamento de estilo, de que ainda carece; o movimento de braços, por exemplo, é insuficiente, contraído (o braço esquerdo, por vezes, quase não oscila).

Na mesma manhã, uma equipa do Benfica constituída por Adriano Gomes (800 metros), Mito Fernandes (400 metros), Eleulério (200 metros) e Paquete (100 metros) conseguiu baixar o recorde da estafeta olímpica para 3 m. 31 s., menos oito décimos do que a antiga marca do Sporting.

Finalmente, o junior sportingista atacou o máximo da sua categoria no triplo-salto, mas provou não estar em condições para o fazer, pois ficou a quase um metro do limite almejado. Deve acrescentar-se que Mendes já na época presente saltara 13,48 (recorde de Falcão, 13,63).

No domingo, graças a louvável iniciativa do F. C. P., exibiram-se alguns dos melhores atletas lisboetas num festival de propaganda da modalidade que continha uma campanha de ressurgimento para cuja necessidade demos o brado de alarme e a qual, no seu aspecto dirigente, também a D. G. D. está procurando dar solução.

Joaquim Branco, um dos convidados, aproveitou a ocasião para melhorar o antigo melhor tempo nacional de milha, apesar das más condições de piso, pois correu-se numa pista traçada, à velha maneira, num campo de futebol. O seu tempo foi de 4 m. 31,7 s.

São ainda notáveis as marcas de Mito Fernandes no salto em altura, 1,85 e de Manuel da Silva com o peso, 13,72, as melhores da temporada, certificadas de quanto é lamentável o encerramento prematuro das actividades do atletismo.

S. C.



Mito Fernandes recebe de Adriano Gomes o testemunho, no decorrer da tentativa de recorde da estafeta olímpica

## As opiniões de

# PEYROTEO

(Continuação da pág. 8)

onze elementos — o F. C. do Porto.

— Então, em seu entender, descaímos?

— Não há possibilidades para melhorar enquanto usarmos os nossos processos. Por força das circunstâncias temos de ter grupos de futebol de características inconstantes. Isto tem forçosamente de se reflectir no nível técnico do nosso futebol enquanto nos regermos por este sistema de futebol amador.

— É partidário do profissionalismo no futebol português?

— Sem dúvida. E creia que essa decisão terá de ser tomada mais tarde ou mais cedo. Caminhámos a passos lentos para essa solução, quando deveríamos correr para ela.

Fernando Peyroteo entusiasma-se abordando este assunto.

— O nosso futebol é magnífico. Temos para este grande jogo qualidades especiais. O que nós temos feito por vezes! Grandes jogos, é certo, para logo no encontro seguinte teremos uma actuação fraca, desarticulada.

Se o tentarmos e organizarmos o futebol português nos moldes do profissionalismo desaparecerão as inconsciências do nosso jogo da bola. E seremos grandes! Poderemos competir com os estrangeiros. E eu tenho a certeza de que somos melhores do que eles.

O taxi corria direito à Alameda das Lirhas de Torres. Quase tínhamos a opinião de um dos nossos grandes da bola na véspera do início da nova época. Aproveitámos, porém, os últimos metros da corrida do carro.

F. S.

## As previsões de

# XICO FERREIRA

(Continuação da pág. 9)

Repare quais foram, no Benfica, por exemplo, os jogadores novos que ali se fixaram. Isto é grave. Começa-se muito tarde demasiadamente tarde.

— No seu tempo... — interrompem.

— Oh! Eramos rapazinhas. Belo tempo. E que diferença. Eu mal me avinha em olhar de frente para os senhores jogadores do meu grupo. Eram o sr. Waldemar Mota, o sr. Nunes, o sr. Vianinha. Hoje, é tudo muito diferente. Eles já vêm para os nossos teams rapazinhas feitos...

— Mas não será esse, por si só, o facto que, em seu entender, dará origem a um declínio no aspecto técnico do futebol na próxima época.

— Uma série de factos. Enfim, em minha opinião, a próxima época será muito mais fraca, quer na actuação dos grupos, quer no ambiente em volta dos jogos.

— Teremos então menos interesse do público, menos gente nos campos?

— Que pensa do público da bola?

— É uma multidão admirável de entusiasmo pelo jogo, que ri e chora connosco, com as nossas vitórias e os nossos desastres. Na nossa época há de ser outra vez generosamente amiga da bola. Tenho recordações bellissimas do público do futebol. Podem contar com ele.

— A rivalidade Sporting-Benfica?

— Como sempre há de aparecer no primeiro plano dos casos do futebol da nova época. Mas uma vez será o nosso grande adversário.

— Mais uma pergunta para finalizar.

— O Peyroteo abandona, de facto?

— Nem de outra maneira compreendo estas festas de despedida. Saio mesmo. Considero que fui um jogador correcto e leal e amigo dedicado do meu clube. Nessa hora de despedida quero sentir com verdade o que significam os aplausos que julguem por bem dar-me. A todas as outras recordações da minha vida de futebolista — e muitas são — quero juntar a do dia em que se diga realmente que o Peyroteo deixou de jogar à bola.

Despedimo-nos. Peyroteo entrou rápido na cabine. No relvado já se davam pontapés na bola. Peyroteo — 16 anos de futebol, 12 de jogador do Sporting e autor de quase 700 golos — havia-nos traduzido em rápidas palavras, o seu pensamento acerca do futebol, neste início da nova época.

F. S.

— Menos gente não. O público da bola é grande pelo entusiasmo e pela fascinação que o jogo lhe causa.

— Sendo assim, tornando-se realidade a sua visão, por força se há de reflectir nos jogos internacionais a fraqueza técnica que prevê?

— Nos jogos internacionais? Quero crer que pouco ou nada se modificará. Entrará o Joaquim, sairá o Manuel, depois substituir-se-á o Alfredo...

— Para a próxima época já não terá o Peyroteo.

— Ainda fará falta. Se ele abandonar, como se diz, não vejo avançado o centro. O Fernando ainda é o jogador que temos para aquele lugar.

— Conversou-se, mais ainda por largo tempo.

Recordamos um trecho dessa conversa com o Xico Ferreira há uns dois meses, servindo-nos à maravilha para a divulgar neste começo da nova época — se é que o popular e valeroso jogador ainda não mudou de opinião.

F. S.

# SPORTING e BENFICA

alcançaram boas vitórias  
sobre Belenenses e Estoril

## Empate do Oriental com o Atlético

(Continuação da página 9)

O clube aproveita bem estes jogos chamando-o à actividade. Armando Ferreira continua pau para toda a obra. Agora foi extremo esquerdo. Também não houve novidades no Belenenses, que continua com ataque «p-quenos» — em estatura e realização.

Arbitrou — Alexandre Serris.

**Sporting** — Torments; Passos, Marques e Juvenal; Verissimo e Matos; Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Albano e A. Ferreira.

**Belenenses** — Sérgio; Figueiredo, Feliciano e Serafim; Rebelo e David Matos; Matos, Pinto de Almeida, Sidónio, Duarte e Aires Martins.

**BENFICA** e Estoril jogaram no Campo Grande. O «encarnado» foram a 5 de triunfo, revelando «afinação de conjunto». Na equipa as novidades foram os jovens Pascoal e Teixeira, aquele vindo do Portimonense, este «sido do» juniores. Ambos se evidenciaram com o já antigo Rogério, no final do encontro vítima de uma carga irregular. Chegou a haver alarme nas hostes benfiquistas. Felizmente nada há de perigoso.

Pascoal marcou três golos. Eis uma proeza quasse igual à do consagrado Peyroteo. Terá o Benfica encontrado neste estudante o elemento de que carecia para dar «agressividade» ao seu ataque?

O Estoril apresentou Fandiño, que era do F. C. Porto. Bom jogador, talvez venha a acusar o vigor dos defesas... Alás, ontem, foi o grupo da Costa do Sol a actuar no vivo.

Arbitrou Eduardo Gouveia.  
**Benfica** — Contreiras; Jacinto, Felix e Fernandes; Moreira e F. Ferreira; Corona, Arsénio, Teixeira, Pascoal e Rogério.

**Estoril** — Sebastião; Fragateiro, Eloi e Alberto; Cassiano e Gato; Rodolfo, Ernani, Mota, Fandiño e Caldas.

### Classificação, portanto:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Sporting .....	1	1	—	—	4	2
Benfica .....	1	1	—	—	3	2
Oriental .....	1	—	1	—	3	1
Atlético .....	1	—	1	—	3	1
Estoril .....	1	—	—	1	2	0
Belenenses ....	1	—	—	1	0	4

**O**RIENTAL e Atlético de-  
frontaram-se em Marvila.  
O grupo orientalista  
apresentou nas redes  
Szabo, filho do seu novo treina-  
dor. Elemento já jogado, pode  
ocupar o seu posto com evidente  
utilidade para o clube. Eleutério,  
a grande discussão desta época,  
não alhou. O público aguarda  
com ansiedade, principalmente o  
das bandas do Piço do Bispo, a  
resolução do «caso Eleutério» —  
que se segue ao «caso Leitão»...  
Ao fim e ao cabo a solução pode  
vir a ser igual. Tinha graça!

O Atlético não mostrou grandes  
novidades. Pode pensar-se que  
terá resolvido o problema da sua  
linha avançada. Se assim for o  
«team» passará a ser mais equili-  
brado. Defesa tem ele, com Cor-  
reia e o veterano Baptista ainda  
a dar bela conta de si.

Os visitantes chegaram a 3 1.  
Parecia que o triunfo era certo.  
Mas no futebol joga-se até final.  
Foi por pensar assim que o Ori-  
ental conseguiu empatar, marcando  
o terceiro golo no último suspiro  
do desafio...

Arbitrou Fausto Santos.

**Oriental** — Szabo; Castlmiro, Al-  
fredo e Carlos Costa; Vicente e  
Lidoro; Almeida, Leitão, França,  
Ribeiro e Pina.

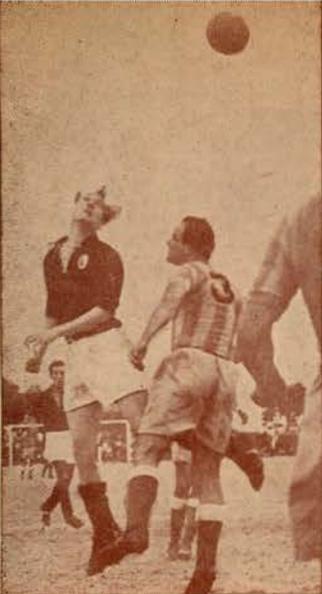
**Atlético** — Correia; Armindo,  
Baptista e Abreu; José Lopes e  
Morais; Martinho, Nunes, Ben Da-  
vid, Barbosa e Pereira da Silva.

A próxima jornada compreende  
estes jogos:

Sporting — Oriental  
Estoril — Belenenses  
Atlético — Benfica

A principal curiosidade destes  
encontros reside, por ora, na con-  
firmação — ou negação — das pos-  
sibilidades que cada equipa reve-  
lou no dia de abertura.

M. M.



O jogo Oriental-Atlético foi o desafio popular do primeiro dia de futebol da nova época. Os dois grupos disputaram um jogo enérgico. DE CIMA PARA BAIXO: Uma avançada orientalista é oportunamente interceptada por Abreu... e o perigo passou. — A meio do terreno, uma fase que denota a vivacidade do jogo entre «orientalistas» e «atléticos». — Correia, com a sua habitual agilidade, detem a bola, Baptista segue lentamente a jogada.



Os sócios do Oriental ofereceram ao seu grupo a taça «Gratidão» — o agradecimento pelo comportamento da equipa na época passada.

O troféu foi entregue ao capitão do grupo, que recebeu também as felicitações do capitão do Atlético, o jogador José Lopes.

## NOTA DA SEMANA

**H**Á pessoas incorrigíveis, como existem hábitos e processos de correcção dificultosa. Assim, a proverbial ignorância dos nossos amigos franceses, quanto à posição geográfica e política do nosso país, pertence — para nosso prejuízo — ao número dos acontecimentos irremediáveis, que devemos acclamar como uma fatalidade.

Portugal tem dispendido algum esforço, na intenção de esclarecer as pessoas bem intencionadas a respeito da sua soberania própria. Mesmo ao cabo dessa obra de propaganda didáctica, os leitores e auditores a quem se instruiu sobre a História dos Descobrimentos e outros feitos da grei lustrada, ainda nossos olhos lêem, com pasmo, — à semelhança do que agora succedeu, com o correspondente do diário parisiense «L'Equipe» — que os portugueses e espanhóis são uma e a mesma coisa.

A notícia refere-se à desclassificação do «Faneca», embarcação dos irmãos Rebelo, concorrendo em Monaco, nos campeonatos do Mediterrâneo e Africa do Norte. Na segunda eliminação produziu-se um choque com outro barco, por sinal francês, e o correspondente a que aludimos informou o seu diário designando os nossos compatriotas como cidadãos do país vizinho.

Não é que o engano nos ofenda, evidentemente. A Espanha, grande noção de nobres virtudes, ocupa o seu lugar na História por legítimo direito e bastante orgulho tiramos, todos os peninsulares, dessa irmandade. O que fere é o esquecimento, por parte alheia quanto à projecção do País de Vasco da Gama, Albuquerque e Magalhães, no cenário dos países latinos.

Que a Lstónia ou o Luxemburgo façam confusão entre portuguesas e espanhóis, seja! Andam muito ao norte ou têm poucas relações desportivas, económicas e sociais connosco.

Agora franceses! Decididamente, não achamos explicação fácil para o facto.

RAFAEL BARRADAS



Estes dois tenistas chamam-se Yaroslav Drobny e Cernik, os melhores jogadores da Checoslováquia. Encontram-se actualmente nos E. U. A. e reusam-se a regressar ao seu país, onde as liberdades são tantas que afugentam os cidadãos

## Ciclismo

Os campeonatos do Mundo, recém-celebrados em Copenhague, viram a completa derrota dos ciclistas franceses, tanto em amadores como profissionais.

Harris (Inglaterra) venceu a velocidade, no tempo de 11,7 s., para os clássicos 200 metros; o amador australiano Patterson imitou-o.

Na corrida de meio-fundo, o italiano Elio Frasio fez os 100 km. em 1 h. 31 m. 20 s. e classificou-se em primeiro lugar. Acerca das outras modalidades e resultados já nos referimos no número anterior.

Enquanto Coppi, saturado de bicicleta se deixou bater pelo holandês Geerit Schulte, o grande Bartali ganhou o Critério Internacional de Hautmont.

## Boxe

Semana de escassos cometimentos. Apenas, nos Estados Unidos, o veterano campeão mundial de «levíssimos», Manuel Ortiz, foi amplamente derrotado por um pugilista negro, Jimmy Cooper, em Washington. O título não esteve em praça. Ortiz andou pela lona no 5.º assalto e saiu vencido por pontos.

Em Filadélfia, Artur King, detentor do título de «leves» do Império Britânico, ganhou ao italo-americano Coloanti, um desafio em 8 assaltos.

Na Europa, o campeão Jackie Paterson pôs fora de combate, ao 4.º assalto, o jogador francês Mustaphaoni, levando assim que não perdeu ainda o vigor dos punhos.

O combate entre Bruce Woodcock e o americano Lee Savold foi por água abaixo, segundo se ventila. Bruce, vítima de acidente automobilístico, só em Dezembro estará em condições de jogar.

Finalmente, o esforçado boxista

## Atletismo

A mais importante prova internacional desta semana foi o desafio triangular Hungria-Itália e Checoslováquia, disputado em Budapeste.

Apesar dos italianos terem ganho oito provas, a insuficiência de bons segundos e terceiros lugares ditou-lhes a derrota (Hungria, 104; Itália, 7; Checo, 93). Eis os resultados principais: 100 metros — Penna (I) em 10,8 s.; 200 metros — Siddi (I) em 21,9 s.; 400 metros — Siddi (I) em 47,7 s.; 800 metros — Fracassi (I) em 1 m. 52,7 s.; 1.500 metros — Cevona (C) 3 m. 55,6 s.; 5.000 metros — Zatopek (C) em 14 m. 32,2 s.; 10.000 metros — Zatopek (C) em 30 m. 4 s.; altura — Albanese (I) com 1,89; vara — Zsitvay (H) com 4 metros; Triplo — Sormani (I) com 14,25; peso — Profetti (I) com 15,15; disco — Consolini (I) com 51,60; martelo — Nemeth (H) com 57,12.

O mulato americano Whitfield, que esteve entre nós, correu em Goeteborg os 400 metros no tempo magnífico de 46,2 s.

Jaques Vernier, correndo na mesma reunião, bateu o recorde de França da légua no tempo excelente de 14 m. 20,6 s.

Em primeiro lugar ficou o finlandês Malkela, com 14 m. 20 s.

O corredor finlandês Yljo Heino, que há dois meses fora desapossado do recorde mundial dos 10 quilómetros, pelo checo Zatopek conseguiu reaver o seu bem. Correndo em Estocolmo, venceu todos os competidores e efectuou o tempo de 29 m. 27,2 s., que bate precisamente por um segundo o máximo anterior.

Laurent Dauthuille apresenta-se como ameaça séria para La Motta, Cerdan e Ray Robinson — no dizer de Nat Fleischer, o conhecido crítico da revista *The Ring*.

## Ténis

Depois do fracasso dos tenistas dos Anípodas, nos desafios para o encontro final da Taça Davis, a impressão dos críticos merece ficar anotada. Em primeiro lugar, o match revelou a forma cintilante de Gonzales, o abaixamento de Schroeder e o declínio de Mulloy e de Bromwich.

O mais belo dos cinco desafios disputados foi o de Gonzales contra Sedgman; o mais encarniçado, o de pares.

Gonzales e Sedgman representam o ténis do futuro. Aquele disciplinou o estilo, realizou quinze serviços irrespondíveis e não cometeu *double-faults*. Sedgman, embora vencido por 8, 6, 4, 9-7, conseguiu ser brilhante e difícil.

O encontro de pares foi dramático. Durou 2 horas e 25 minutos indo a um total de 69 jogos. A equipe americana levava duas partidas ganhas quando o jogador Mulloy mostrou cansaço. Dai à derrota pouco faltou.

O melhor dos quatro foi Talbert, o mais efectivo Sidwel. Bromwich ainda vale pela colocação das bolas e pelo sentido da posição na pista.

O veterano Borotra continuou em actividade. Jogando em Biarritz ganhou o torneio local,

## Remo

Os Campeonatos do Mundo desta modalidade desportiva, realizados em Bosdaam (Holanda), foram mais uma vez apanágio dos remadores italianos, que em sete provas ganharam quatro e obtiveram um segundo e terceiro lugares.

Eis os resultados:

4 com timoneiro: Itália (6 m. 57 s.); 4 sem timoneiro: Itália (6 m. 45,2 s.); 2 com timoneiro: Itália (7 m. 55 s.); 2 sem timoneiro: Suécia (7 m. 28,2 s.). A Itália ficou em 3.ª posição; 2 em parelha: Dinamarca (6 m. 57,2 s.). A Itália conquistou o 2.º lugar; 8 com timoneiro: Itália (6 m. 11 s.); skiff: J. B. Kelly (E. U. A.) em 7 m. 30,8 s., seguido do checo Vrba.

Estes resultados são suficientemente expressivos para o leitor avaliar o mérito do remo transalpino.

vencendo Cristiano Boussus por 7/5, 1/6 e 6/2. Associado com Peliza derrotou a parelha Bernard-Boussus no jogo decisivo de «doubles».

# LUSITANO e BOAVISTA

**C**OUBE, desta vez, ao Lusitano, ser chamado a defender a sua permanência da I Divisão, em jogo contra o segundo apurado do Campeonato da II Divisão, por coincidência, um comprovincialano — o Portimonense. Ganhou o clube de Vila Real de Santo António, e com a vitória, o direito de continuar competindo ao lado dos «Grandes».

Menos feliz, o Boavista não teve essa derradeira «chance» para defender o seu lugar na divisão principal. Classificado inexoravelmente em último lugar, a brava turma exadrezada resignou-se ao facto consumado — desceda automática à Divisão Inferior.

Assim o Porto perdeu, por enquanto, o seu segundo representante na prova máxima do futebol nacional. Representante valeroso, sem dúvida, que durante o Campeonato impôs a igualdade do marcador contra algumas das melhores equipas, como o Sporting, Belenenses e Atlético (este, por duas vezes!)

## O Lusitano

Embora tenham somado mais um ponto, os «encarnados do Algarve» classificaram-se pior que no ano passado. A sua actuação, salvo melhor opinião, também não foi superior agora. No Campeonato de 1948, o Lusitano ganhou fundamentada fama de adversário difícil no seu campo. Poucas equipas o conseguiram vencer no seu reduto. Na última época, nem sempre tal sucedeu. Os algarvios fraquejaram inesperadamente algumas vezes, como na partida contra o Vitória de Setúbal, e na última jornada, em jogo importantíssimo, contra um Atlético algo desmoralizado.

Contudo, o número de vitórias foi o mesmo (7), e, no recente Campeo-

nato, obtiveram menos uma derrota e mais um empate. Entre alguns bons resultados obtidos pelos rapazes de Vila Real de Santo António, destacam-se o duplo empate contra o Estoril, vitória contra o F. C. Porto, o empate imposto ao Belenenses na jornada inaugural, etc.

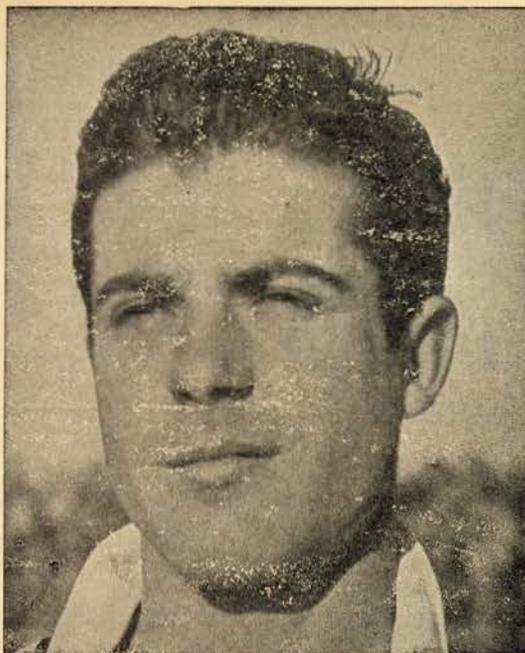
O Lusitano obteve neste torneio, 23 golos, que é a mais baixa cifra da prova. No Campeonato anterior obtiveram 29, mas pertenceu-lhe, à mesma, o último lugar dessa classificação. Em matéria de golos sofridos é que, o «steam» algarvio melhorou imenso. Nada menos de 26 golos! Coube-lhe assim o 6.º lugar entre as equipas que menos bolas consentiram no último Campeonato, e igualando o recorde da menor cifra de golos sofridos «em casa» (11), de parceria com o Benfica e F. C. Porto. A esta proeza não deve ser estranho o acerto do seu excelente guarda-rede Isaurindo e do defesa Caldeira.

Dos avançados, os que mais se distinguiram como marcadores foram Angelino, 9. Almeida, 7. Macedo, 5. Mortágua e Germano, uma bola, cada.

## Boavista F. C.

A equipa dos Calados teve um começo de Campeonato péssimo. A primeira vitória só apareceu na 8.ª jornada. As coisas passaram de mal a pior quando o Boavista começou a perder pontos julgados certos, ou pelo menos, dentro do «ambito» das suas possibilidades. A turma «xadrezada» nunca conseguiu encontrar o seu ritmo normal. Na 1.ª volta somaram 7 pontos. Na 2.ª, outro tanto.

Quatro pontos separam o Boavista do mais próximo concorrente, e isso diz alguma coisa sobre a desa-



CAIADO, do Boavista Futebol Clube

fortunada actuação dos sub-campeões do Porto. Nem o Internacional Calado, nem o valoroso médio que é Serafim, nem António Calado, que continua a firmar-se como defesa de mérito — chegaram para salvar a equipa da despromoção.

A formação apresenta pontos fracos, especialmente do lado direito. O ingresso de Lourenço, em teoria, poderia fortalecer o grupo, mas tal não sucedeu. Falta ao Boavista, ainda, um guarda-rede com classe e um bom avançado centro. Serafim, a meio do terreno, é um elemento que se destaca. O avançado-centro, não sai da vulgaridade... Todavia, a experiência do fogueiro médio no eixo do ataque é compreensível, pois Serafim, mesmo da linha média... era o melhor marcador da equipa!

E, como tal, se quedou até ao fim: Serafim, 11 golos marcados; Calado, 7; Armando, 5; Lourenço, 3;

Barros, Alcino e Leiria, 2; Passos, Vieira e Garcia, 1.

O Boavista que, em 1948 ficou em 9.º lugar, com 9 vitórias e 15 derrotas, e 30 65 em bolas, no último Campeonato classificou-se em 14.º (último, portanto), com 4 vitórias, 6 empates e 16 derrotas, 35-89 em bolas.

## A Taça Portugal

O Lusitano F. C. chegou aos 1/4 de final, perdendo frente a um adversário que lhe fez a vida cara, nesta época: o Atlético. As duas vitórias obtidas antes, foram contra o Silves, por 7-0, e Tirsense, por 6-1, ambos da III Divisão, e que, nesta época, subiram à II.

O Boavista foi eliminado na 1.ª jornada, em jogo contra o Benfica, em Lisboa.

VASCO C. SANTOS



No decorrer da «Festa dos Campeões do Aleneu», procedeu-se à distribuição dos prémios, taças e medalhas, conquistados pelos seus valerosos atletas. A nossa foto regista um dos momentos dessa festa, quando o sr. Abelar Machado, presidente da direcção do Aleneu, recebia as taças que os campeões de basquetebol lhe entregaram. Foi uma festa significativa do valor desportivo dos atletas do Aleneu Comercial de Lisboa

# Natação

(Continuação da pág. 6)

**A**PROVEITANDO a circunstância de se encontrarem em Coimbra cinco directores da Federação e os delegados de todas as associações regionais, efectuou-se na manhã de domingo, na sede da A. N. C., uma reunião de todos aqueles elementos, a que presidiu o sr. inspector dr. Ayala Botto, e para a qual foram convidados os representantes da Imprensa.

A ideia que, diga-se em abono da verdade, partiu do presidente da Federação, o nosso presado camarada José Dias Pereira, resultou magnificamente. Foi uma reunião altamente proveitosa, em que o presidente da F. P. N. abordou alguns dos mais prementes problemas da natação portuguesa, em que os representantes das diversas associações depuseram

os seus pontos de vista, tudo parecendo indicar que vai, realmente, fazer-se um trabalho de conjunto que só poderá trazer vantagens à modalidade.

Ficamos com a impressão de que esta reunião será um dia recordada como o ponto de partida para qualquer coisa de muito útil para a natação portuguesa.

**A**INDA sob a impressão dos nacionais, Coimbra terá ocasião de admirar, sexta-feira e sábado próximos, a magnífica equipa do Paris Université Club. As vantagens de possuir uma piscina condigna estão à vista. Pela primeira vez, a cidade doutora recebe nadadores estrangeiros. Por nossa parte, só desejamos que a semente frutifique.

ABREU TORRES

# AS CINCO VOLTAS A MAFRA



*Esta prova que se disputou na histórica vila de Mafra, despertou grande interesse. Muito público, uma corrida tecnicamente bem disputada e a alegre presença de Beatriz Costa, recordando os seus tempos em que animava as «Voltas a Portugal» com aquela sua canção... Ei-la, após ter dado a partida para as «Cinco Voltas». Junto da popular artista o corredor João Lourenço, assiste à partida. A' DIREITA: Mário Fazzio conclui a prova em que triunfou brilhantemente. A' ESQUERDA: Um aspecto curioso da corrida*



*A direcção do Belenenses homenageou o seu allela Joaquim Branco que ultimamente bateu quatro recordes de Portugal. A homenagem foi merecidamente extensiva ao nosso camarada Alberto Freitas, treinador do campeão belenense. Na foto vê-se Joaquim Branco, à direita, ao lado de Acácio Rosa, presidente do Belenenses, e à esquerda, ao lado de Raúl de Oliveira, director do nosso presado colega «Mundo Desportivo», Alberto Freitas. Ao banquete, presidido pela sr.ª D. Alda de Oliveira, esposa do Sr. Raúl de Oliveira, assistiram todos os directores do clube e os dirigentes da sua secção de allelismo*



*Eis alguns dos principais componentes da famosa equipa do Paris Université Club que se exhibirá nos próximos dias 12 e 13 no estádio náutico do Sport Algés e Dafundo. Dada a real categoria dos nadadores que nos visitam, pois entre outros títulos ostentam o de campeões de Paris de «water-polo», é legítimo aguardar que o público corresponda a tão arrojada iniciativa*